

MICROSCOPIO

(Especial para o "Correio do Povo")

E' o jogo a lepra da sociedade, que tudo corrompe e ulcera; quaisquer que sejam os circulos em que penetra, terriveis são sempre os seus estragos. Não é o ambiente particular em que prolifera, não é o estar patente a todos indistintamente, ou restringir-se aos membros, verdadeiros ou supostos, de uma associação privada, e que lhe pode modificar a natureza perversora. O jogo é um mal por si mesmo, e raiz de muitos outros males, independentemente das circunstancias que o cercam. Se ao pobre rouba o salario do dia, ao rico arrebatá os haveres de muitos anos. E a um e a outro lança aos abismos da desesperação, talvez mais profundos nas classes mais altas da sociedade.

Que o jogo não admite distincções, que não há jogo nocivo e jogo inócuo, que ele é por toda a parte e em todas as circunstancias o mesmo flagelo, estão a demonstrá-lo certos episodios desgraçados da vida intima das associações elegantes, para as quais se quisera ver aberta uma excepção, que a lei, no regime democratico, difficilmente poderia admitir.

Merece, por isso, o mais decidido aplauso o comportamento do chefe de Policia do Rio Grande do Sul, que não hesitou em levar a repressão do vicio ao seio mesmo das associações mais finas, que, por finas, imaginavam ter o privilegio de transformar o vicio em virtude.

Apenas há que notar que, enquanto no extremo Estado meridional se cumpre a lei e o jogo está sendo reprimido eficazmente, como a desmentir ser ele um mal inevitavel e fatal, em outros grande é a tolerancia, e em outros, ainda, se explora ele abertamente, como coisa licita e legal. Para esta anomalia de uma lei federal flagrantemente desrespeitada por autoridades estaduais deveriam atentar, os intervencionistas que, por motivos facciosos, estão a ver inconstitucionalidades nas mais legitimas exteriorizações da autonomia estadual.

RAUL PILLA

16.I.1949